

BECO DOS ARTISTAS: O MEDO E A ACEITAÇÃO

Andressa de Freitas Ribeiro¹

Resumo: O presente trabalho é fruto de uma etnografia realizada no Beco dos Artistas – espaço de sociabilidade LGBT, em Salvador – durante o ano de 2008 a 2010. Essa etnografia culminou na produção de uma dissertação de mestrado, de onde retiro uma pequena discussão sobre como a vivência do desejo homossexual é acompanhada pela sensação do medo e sobre como esse medo se manifesta em alguns frequentadores no seu primeiro contato com o espaço. Por outro lado, como, com o decorrer do tempo, esse sentimento de medo se dilui através de uma maior aceitação do desejo no contato continuado com o espaço.

Palavras-chave: Beco dos Artistas, homossexualidade, medo e aceitação.

Para Foucault (2007), a sexualidade é um dispositivo de poder e saber que age sobre os indivíduos, no sentido de não só reprimir, como, também, de produzir e incitar prazeres e sexualidades. O sexo, nesse sentido, não é algo que está para além do discurso, não é uma realidade selvagem, esperando ser desvelada; o sexo é uma instância que é acionada através da própria rede de saber e poder mobilizada pelo discurso. O sexo, também, ou a categoria do sexo, engloba e unifica uma série de prazeres, desejos, posições subjetivas e superfícies corporais que são, inicialmente, difusas. Esse efeito que a categoria do sexo produz, de unificar um corpo que poderia ser visto de outra forma, acaba por facilitar o processo de naturalização do próprio sexo. O sexo torna-se, então, aquilo que mais diz sobre o sujeito, a sua verdade última.

Essa naturalização tem consequências na medida em que supõe uma coerência entre sexo/gênero/desejo e prática sexual (BUTLER, 2008), coerência que tem como fundamento esse sexo naturalizado. Para Foucault (2007), assim como para Butler (2008), esse sexo naturalizado é uma produção do próprio discurso, uma estratégia discursiva para consolidar posições de poder. Foucault diz:

“[...] trata-se, antes, da própria produção da sexualidade. Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao

¹ Mestre pela Universidade Federal da Bahia. Email: velhinhadamontanha@gmail.com



discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder.” (FOUCAULT, 2007, p.116)

Foucault (2007) mostra, através dessa fala, como a sexualidade é um mecanismo insidioso que penetra e que está presente em todos os contextos sociais. É um dispositivo de poder histórico que age desde a formação dos conhecimentos até o cerceamento e controle das alianças e dos arranjos afetivos. É um poder que age sobre o corpo e o sexo e, agindo sobre o corpo e o sexo age, também, desde a mais simples até a mais complexa das configurações sociais. A sexualidade não é um dispositivo de poder próprio do âmbito privado, ao contrário, é um dispositivo que está presente tanto nos espaços, como nos discursos públicos; extrapola o âmbito do privado e corta todas as cenas sociais. Está presente na política, na economia, na arte e na configuração do espaço.

Esse dispositivo da sexualidade cria, no século XIX, uma nova espécie de indivíduo. Se, no antigo direito civil ou canônico, a sodomia era considerada um ato interdito, como o adultério, por exemplo, e o autor não passava de seu sujeito jurídico (FOUCAULT, 2007), quando a justiça cede para a medicina, o sodomita passa a ser uma nova espécie de indivíduo, o homossexual².

“O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas escapa a sua sexualidade. (FOUCAULT, 2007, p. 50)

A homossexualidade passa a ser considerada quase como uma essência do próprio sujeito. Essa essencialização se dá através da biologização de um ato que antes era considerado interdito. Incrusta-se no corpo do indivíduo a causa de um desejo e incrusta-se através de um mecanismo de patologização. Assim, além do homossexual se tornar uma nova espécie, ele também se torna uma espécie defeituosa, fruto de uma aberração genética.

Definir a homossexualidade como uma essência e fechá-la em um campo semântico específico é também uma forma de definir a própria heterossexualidade. Desse modo, colocam-se na homossexualidade todas as possibilidades de incoerências e falhas, cria-se um campo do abjeto, do irreconhecível e do ilegítimo, enquanto se

² O termo homossexual é cunhado por Westphal em 1870.

configura outro campo do normal, do reconhecível e do legítimo. Cria-se uma dicotomia em que um dos pólos concentra todos os aspectos negativos para que o outro pólo possa gozar do status de pureza e normalidade. Além do que, se pressupõe uma autonomia entre ambos os pólos, como se heterossexualidade e homossexualidade fossem duas coisas mutuamente excludentes. No entanto, Halperin (2004) contesta essa visão. Ele diz:

“[...] ‘homossexual’ não é um termo estável ou autônomo, mas sim um suplemento da definição ‘heterossexual’ – um meio para estabilizar a identidade heterossexual. Homossexual é um outro imaginário, cuja diferença extravagante desvia a atenção das contradições inerentes a construção da heterossexualidade. A heterossexualidade prospera justamente preservando e consolidando suas contradições internas e, por sua vez, sua ignorância delas; isto é conseguido através da construção da figura do homossexual (tradução nossa)” (HALPERIN, 2004, p. 64).

Sendo assim, a heterossexualidade seria tão dotada de contradições quanto a própria homossexualidade. Essa estabilidade do termo heterossexual e a ignorância quanto às suas contradições só são possíveis através da construção de outro termo, o homossexual, ou melhor, da emergência de uma figura que parece concentrar em si todas as contradições. Assim, na proporção que o homossexual é definido, quase como sinônimo de instabilidade, desvio e contradição, o heterossexual vai se definindo como norma, estabilidade e coerência.

Além disso, essa classificação presume que essas categorias são mutuamente excludentes, ou seja, que o homossexual e o desejo homossexual, que só existe nessa espécie particular, são uma particularidade de um tipo específico de indivíduo e, por isso, incapaz de se expressar (o desejo) nesse outro tipo (o heterossexual). Assim, essa diáde homossexual-heterossexual cria a aparência de duas categorias que são mutuamente excludentes e o homossexual se torna incapaz de compartilhar qualquer característica do seu “ser” sem que a sexualidade seja um ponto de corte de alguma possível semelhança e continuidade entre esses dois “seres”. Esse mesmo dispositivo da sexualidade diferencia esses dois tipos de indivíduos por uma suposta essência, tornando impossível uma maior comunicação entre eles. A crítica que Butler (2008) faz a Wittig, em seu livro “Problemas de Gênero”, é interessante para problematizarmos essa dicotomia rígida entre heterossexualidade e homossexualidade. Ela diz:

“Minha própria convicção é que a disjunção radical proposta por Wittig entre homossexualidade e heterossexualidade é simplesmente falsa, que há estruturas de homossexualidade psíquica no âmbito das relações heterossexuais, e estruturas de heterossexualidade psíquica no âmbito da sexualidade e dos relacionamentos lésbicos e gays” (BUTLER, 2008, p. 176).

Assim, para Butler (2008), essa dicotomia rígida entre homossexualidade e heterossexualidade é uma falsa dicotomia. Como Butler (2008), outros autores também falam dessa continuidade entre homossexualidade e heterossexualidade. Freud (1969) chega a afirmar que todo ser humano é inicialmente bissexual e diz que “não há absolutamente qualquer justificativa para distinguir um instinto homossexual especial. O que constitui um homossexual é uma peculiaridade não na sua vida instintual, mas, na sua escolha de um objeto” (FREUD, 1969, p.101). Isso mostra que essa divisão rígida entre homossexualidade e heterossexualidade é fruto de um mecanismo de poder que busca legitimar a heterossexualidade e deslegitimar a homossexualidade.

Algumas autoras como Wittig (2006), Rubin (1993) e Butler (2003; 2008) falam de como esse dispositivo de sexualidade e esse mecanismo de poder constituíram uma heterossexualidade compulsória. A cultura é organizada de tal modo em torno da sexualidade e, ao mesmo tempo, organiza essa sexualidade de tal modo, ao ponto de todo indivíduo que está imerso nessa cultura se vê obrigado a assumir um posicionamento heterossexual. Esse mecanismo é responsável pela “supressão do componente homossexual da sexualidade humana e, como corolário, pela opressão dos homossexuais” (RUBIN, 1993, p. 11).

O caráter de obrigatoriedade que a heterossexualidade ganha em determinadas culturas e todos os cerceamentos que giram em torno dessa forma específica de sexualidade, para colocá-la em uma posição privilegiada socialmente, caracteriza o que algumas autoras chamam de heterossexualidade compulsória. No entanto, Butler (2008) vai mais longe e chega a falar mesmo em heteronormatividade. Miskolci (2009), diferencia bem esses dois conceitos. Para Miskolci (2009) a heterossexualidade compulsória é o caráter obrigatório que a heterossexualidade ganha em algumas sociedades, uma força contida na própria matriz simbólica que impele todo indivíduo a formar arranjos afetivos heterossexuais voltados para a procriação da espécie. Já a heteronormatividade é um conceito mais amplo, que não se restringe só à obrigatoriedade das relações heterossexuais, mas implica em uma “série de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle e que age tanto em relação a pessoas que se relacionam com sexo oposto, quanto em relação a pessoas que se

relacionam com outras do mesmo sexo” (MISKOLCI, 2009, p. 156). Assim, mesmo pessoas que se identificam como homossexuais são informadas por um tipo de norma que privilegia a heterossexualidade e a coloca em um patamar superior em relação às outras sexualidades.

Essa heteronormatividade age em todas as instâncias da sociedade, desde a escola, família, economia, política e religião. Todas as instituições são, de algum modo, influenciadas por essa lógica. A heteronormatividade, além de agir sobre e, por vezes, constituir o próprio pensamento de algumas instituições, também age na conformação de identidades referentes aos próprios indivíduos. Um dos principais mecanismos de poder e atuação desse dispositivo de sexualidade é presumir uma coerência entre sexo/gênero/desejo e prática sexual (BUTLER, 2008) e, desse modo, impor aos indivíduos uma identidade masculina ou feminina fixa e duradoura (LOURO, 2007).

A heteronormatividade também estabelece hierarquias, desigualdades e ordenamentos. Pressupõe-se que todo indivíduo tem uma inclinação inata a possuir como objeto de desejo alguém do sexo oposto. Quando isso não acontece, esses indivíduos que burlam essas normas de coerência são relegados ao silêncio, à dissimulação, ou à segregação. “É curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação, tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento” (LOURO, 2007, p.17). Louro (2004) diz:

“As descontinuidades, as transgressões e as subversões que essas três categorias (sexo-gênero-sexualidade) podem experimentar são empurradas para o terreno do incompreensível ou do patológico. Para garantir a coerência, a solidez e a permanência da norma, são realizados investimentos – continuados, reiterativos, repetidos. Investimentos repetidos a partir de múltiplas instâncias sociais e culturais: postos em ação pelas famílias, pelas escolas, pelas igrejas, pelas leis, pela mídia ou pelos médicos, com o propósito de afirmar e reafirmar as normas que regulam os gêneros e as sexualidades. As normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicar-lhes limites de sanidade, de legitimidade, de moralidade ou de coerência. Daí porque aqueles que escapam ou atravessam esses limites ficam marcados como corpos – e sujeitos – ilegítimos, imorais ou patológicos.” (LOURO, 2004, p.82)

O Como, então, esses sujeitos que fogem das regras de gênero e compõem as castas sexuais mais depreciadas se situam no espaço? Qual é o lugar desses sujeitos? Por onde eles circulam e sob que regras e condições circulam? Tais questões me fazem refletir sobre o papel que um lugar, como o Beco dos Artistas, possui, em Salvador, para

esses sujeitos e corpos que fogem das regras de gênero e sexualidade. Como eles se sentem ao frequentar o Beco e por que o frequentam e qual o papel que esse espaço exerce na aceitação da sexualidade desses indivíduos?

3.1.1 Medo e Aceitação

Muitos frequentadores do Beco e mesmo não frequentadores, pessoas que por ventura passaram pelo Beco, afirmam que a primeira sensação que tiveram, quando entraram no Beco, foi a de medo. Isso não é necessariamente uma consequência dessas pessoas estarem indo, pela primeira vez, ao Beco, mas, de essas pessoas estarem indo pela primeira vez a um espaço assumidamente de sociabilidade GLS. Nos relatos desses frequentadores, que afirmaram sentir medo quando foram pela primeira vez ao Beco, as suas primeiras idas ao Beco foram também as primeiras vezes que eles (as) estavam indo a um espaço GLS. O que significa essa sensação de medo? E porque existe esse medo? A fala de alguns frequentadores sobre a primeira vez que foram ao Beco é rica para refletirmos sobre esse medo:

E: Você se lembra da primeira vez que você veio ao Beco?

M: Eu tinha 19 anos, 18 para 19. Há uns treze, quatorze anos atrás. A primeira vez que eu vim no Beco dos Artistas, eu tinha medo de entrar. E foi (...) para mim, foi um choque. Por mais, você sendo gay ou não, eu estava me descobrindo, ou melhor, me revelando para mim mesmo. Isso leva algum tempo. E aí, eu cheguei ao Beco, tomei uma cerveja, aí fui embora. Depois, fiquei curioso de novo, aí comecei a perder o medo, comecei a frequentar e andar com o público, conhecer pessoas do meio, fazer amizades, mantendo contato direto com essas pessoas, e aí comecei a frequentar. Então, a primeira vez, foi um pouco, vamos dizer (...) sinistra, que é um pouco de medo com adrenalina, com curiosidade, com respeito, com admiração e, ao mesmo tempo, com nojo, com repugnância. Mas, foi uma experiência boa.

E: Por que você acha que você sentiu esse medo?

M: Porque todos sentem. Uma coisa é aquele que já nasce homossexual, desde pequenininho já se assume. O que acontece muito hoje com os jovens. Hoje tem menino de 15, 14 anos que já assume praticamente ações femininas, assume para a família, tudo isso. Até porque a sociedade já abriu essa mente, pelo menos em relação a isso,

um pouco. E, no meu tempo, há dez, quatorze anos atrás, era mais recalcado, era mais fechado para isso. Não era assim, você não conversava sobre isso com qualquer pessoa. Você não abria para todo mundo. Então, as pessoas tinham muito medo disso. Então, era o que acontecia. Eu senti isso tudo, porque era um pouco desse medo de se assumir. E, naquela época, era assim com todos. E hoje não, hoje se assume, se agarra no shopping, se pega na mão, que eu acho que é além do que deveria ser. Mas é o que acontece muito e, naquela época, era mais fechado realmente. Então, acho que o medo do Beco está aí.

Outros frequentadores também contam sua primeira experiência de ida ao Beco. Esses tiveram sua primeira ida já mais recentemente e, ainda assim, esse “medo” apareceu nos seus relatos. Isso prova que, ao contrário do que pensa o entrevistado, esse medo não é específico de uma época em que a homossexualidade era, supostamente, mais reprimida, mas que, embora tenham ocorrido mudanças significativas em termos de parentesco e laços afetivos na nossa sociedade, o medo ainda é um sentimento que marca a experiência homossexual. De certo modo, perdurou ao longo dos anos.

M: [...] aí foi a época que eu fui ao Beco a primeira vez, eu fiquei escondido, gente para caralho, eu ficava com medo, que bate, você sente logo o clima ali pesado. Quando você chega ali, você já fica, aí eu fiquei com medo, ficava escondido ali atrás, ficava não, não vou aparecer não. Aí, uma vez, eu fui, fomos eu e Artur, aquele dia eu fui, mas, eu fiquei escondido, fiquei tipo uma hora só lá, fiquei escondido, bebi uma cerveja e fui embora. Uma hora não vale, né? Aí, uma certa feita que eu fui com Artur, a gente ficou até de manhã, aí que eu comecei andar nesses lugares, foi a partir dali.

E: Eu queria que você falasse um pouco mais sobre tua primeira ida ao Beco, os sentimentos, as sensações?

M: Eu fui e fiquei com medo, porque, ali é um Beco com um monte de homossexuais dentro e, para mim, aquele fato era novo, estar indo para aquele lugar, porque, eu nunca tinha ido a nenhum lugar GLS, aquele foi o primeiro e eu fiquei meio apreensivo, a primeira vez eu fui, mas não entrei, eu fiquei ali na frente, no Garcia, ali sentado. Eu falei: eu não vou entrar, eu não vou entrar. Aí eu tinha visto alguém da Boca do Rio conhecido, aí eu pensei: ah, eu não quero me expor assim, e eu não entrei. Na segunda vez, eu fui, tomei coragem e entrei e eu ficava ali encostado, vendo as pessoas ali,

vendo vários tipos de pessoas, todo mundo ali gay e eu ficava pensando: porra, várias bichinhas. Eu fiquei (...), não sei, eu fiquei com medo no começo. Entrei, fiquei escondido lá dentro do Camarim, aí depois eu saí e foi Almir que me levou para aquela porra, só que Almir conhecia tanta gente lá, foi-me apresentando, apresentando, apresentando as pessoas que frequentavam o Beco e eu acabei conhecendo o pessoal e fiquei por lá. Eu fiquei com medo no começo, só que depois acostumei. Eu gostava de lá para caralho.

Outro frequentador também dá um depoimento muito parecido e toca novamente na questão do medo:

T: ...a primeira vez que eu fui, eu tinha 17 anos, 17 anos e alguma coisa, foi a primeira vez. Eu fiquei tão recalcado, tão no canto, assim, que eu cheguei lá nove e saí de lá dez e meia e fiquei um tempo sem entrar.

E: Por que você ficou recalcado?

T: Porque você está descobrindo um mundo novo, você não sabe onde está pondo os pés, medo porque eu me sentia meio rejeitado, eu me sentia fora, fora daquele lugar, fora daquele padrão, tinha medo mais de não ser aceito mesmo.

E: Você já tinha ido num lugar onde duas pessoas do mesmo sexo se beijavam tão abertamente?

T: Não, nunca.

E: Você acha que isso influenciou?

T: Sim, muito. Uma vez, recentemente, eu fui a uma sauna. Quando eu cheguei à sauna, tem um tal de Darkroom que eu estava ouvindo uns gemidos, eu quase tive um treco, porque era tudo muito aberto, todo mundo podia entrar e tocar, fazer e acontecer. Eu acho que eu ainda me sinto assustado, se tiver algum outro lugar que seja mais diferente do que a sauna, acho que eu ainda sentiria esse pavor, esse susto de novo, porque, a novidade traz medo, não é? Acho que é isso que faz com que as pessoas tenham medo de ir a um lugar GLS pela primeira vez. Eu tenho um amigo que até hoje tem medo de ir a um lugar GLS e ele está se descobrindo agora.

Além dessas falas expostas acima, relatos semelhantes a esses se repetiram em vários depoimentos, todos se fazendo acompanhar pela palavra medo. Alguns estudantes vindos do interior, que moram em um pensionato no fundo do Beco, quando relatam o momento de chegada ali naquele espaço, também afirmam que se chocaram e/ou sentiram medo. Isso mostra que o sentimento de medo não é privativo de quem vive a experiência da homossexualidade, mas de quem também não a vive. Daí pode-se inferir que o medo da experiência homossexual é fruto da própria estrutura heteronormativa e que esta abarca a sociedade como um todo, tanto heterossexuais, como não-heterossexuais. São normas que fazem parte e informam a formação de todo e qualquer indivíduo. Mais do que isso, esses depoimentos mostram, também, o quanto a heteronormatividade é construída através do medo e da rejeição da homossexualidade.

Se Miskolci (2010) afirma que a vergonha é a experiência comum de gays, lésbicas, travestis, transexuais e outr@s, eu ousaria acrescentar que o medo também o é. Isso porque o medo é a consequência de mecanismos de poder de uma estrutura social heteronormativa. Se todo indivíduo só existe a partir de uma posição de gênero e isso fica claro pela pergunta mais recorrente, quando um novo ser vem ao mundo – é menino ou menina? - e se esse fato tem uma relação com um dos principais pilares de organização social do parentesco – a família - e se esta está comprometida com a procriação, com a reprodução da espécie, logo, com a própria heterossexualidade, então, o desejo homossexual se torna uma ameaça a toda essa estrutura de parentesco e sexualidade que constitui a própria sociedade.

Essa forma de organização do parentesco e da sexualidade, que liga posições de gênero, relações heterossexuais, casamento, família e procriação, não é, no entanto, uma consequência do fluxo natural dos desejos, mas, ao contrário, o resultado de uma série de regras e cerceamentos traduzidos em uma norma hegemônica – a heteronormatividade. Essa norma, essa matriz simbólica que classifica e hierarquiza os indivíduos, tem como ponto fundante a negação daquilo que é sua maior ameaça, que é o desejo homossexual. Tal desejo é coberto por um véu de pavor e pânico que até mesmo falar sobre ele se torna constrangedor. Assim, a invisibilidade deste desejo e das práticas que externalizam esse desejo se tornam quase uma consequência direta desse véu de medo e pavor que recobrem a homossexualidade. Por isso, alguns entrevistados falam não só sobre o medo, mas sobre o choque que foi estar presente em um lugar onde esses desejos são expressos tão abertamente. O choque é consequência aí da invisibilidade, do que não é suposto, nem previsto, do que não é comum e, por isso,

quando se apresenta, se torna chocante e assusta. Não é a toa que Sedgwick (1998) diz que “o armário (a invisibilidade) é a estrutura definidora da opressão gay no século XX” (SEDGWICK, 1998, p.26).

Esse medo também aparece na fala dos freqüentadores em outros momentos, quando eles falam sobre a possibilidade de revelação para os pais, por exemplo. Esse medo marca a história de vida desses indivíduos. Sentir medo de entrar no Beco é apenas uma consequência de um medo maior que se manifesta nas várias esferas de vida dos que vivenciam a condição homossexual. Um morador do fundo do Beco, do pensionato de estudantes, vindo do interior que se identifica enquanto homossexual, dá um depoimento bem interessante nesse sentido:

E: Fale-me um pouco da sua trajetória em relação à homossexualidade?

Z: Na verdade, para quem mora no interior, é um pouco complicado, não é? Na verdade, eu passei boa parte da minha vida, até os vinte anos mais ou menos... eu tinha certeza, em algum momento, eu tinha certeza que eu iria assumir, só que era muito difícil. Aí eu achava que podia mudar minha situação, não assumir minha homossexualidade, eu achava que era uma opção. Durante muito tempo, eu escondi para meus pais, para mim mesmo. Eu tinha namorada no interior, eu quase caso com ela, não casamos porque eu vim para cá. Assim, eu sempre fugi muito disso, porque eu era da igreja, igreja católica, aí tinha esse problema, eu achava que era pecado, que era uma coisa que eu não podia falar para os outros, para minha família.

E: Como foi contar para sua mãe?

Z: Depois que eu vim para Salvador, eu tive conhecimento de pessoas que eram do meio. Aí eu fui vendo que era natural, que não era só uma opção, que era um desejo. Aí eu comecei a namorar com um menino, em 2008. Aí, a gente estava junto, e a gente estava se gostando muito. Aí eu vi que não estava segurando mais. Aí passou um ano, entrou 2009, aí passou abril, maio e junho. Em junho, nós terminamos. Mesmo assim, foi muito difícil, para mim, passar por essa situação, porque eu imaginava como ela ia ficar. Aí eu pedi auxílio à psicóloga da UFBA, aí eu fiquei três meses na lista de excedente. Mas o que eu ia fazer? Se eu queria mesmo falar. Imaginei o que eu ia falar, imaginei tudo. Aí, quando eu cheguei, foi em junho. Aí, eu não estava saindo de casa. Fiquei dois dias sem sair de casa. Era época de São João. Ela estava achando que eu estava muito estranho. Aí, dia 21, ela chegou do trabalho. Aí eu chamei ela para

conversar e falei que eu não era do jeito que ela pensava, que ela queria que fosse, que eu não poderia casar e ter filho. Aí ela não estava entendendo, mas, na verdade, ela não queria entender. Aí ela começou a chorar, aí eu comecei a chorar também. Aí eu falei logo para ela. Ela me perguntou se tinha algum tratamento. Aí eu falei que não, que eu já estava fazendo acompanhamento psicológico. Aí, tipo assim, ela acreditou em mim, que não era uma doença, mas, querendo achar alguma saída para isso. Aí eu falei para ela que eu não queria, que se fosse uma escolha eu escolheria não ser, que eu passei muito tempo da minha vida sem fazer o que eu queria por medo, que eu achava que ela era minha amiga e que ela iria me compreender. Aí ela começou a chorar e agora é mais tranquilo.

E: E você imaginava que qual seria a reação dela? O que passou pela tua cabeça?

Z: Que ela não ia atender minhas ligações quando eu voltasse para Salvador, que ela não ia querer mais conversa, que ela ia passar mal, mas um dos meus maiores medos era que ela parasse de falar comigo. Tanto que eu tinha vontade de contar para ela, achava que ia ser mais fácil do que contar para meus pais e irmãos, mas, mesmo assim, eu senti medo.

Esse entrevistado toca em um ponto importante, qual seja este, o medo de decepcionar a mãe por não poder casar e ter filhos, ou seja, reproduzir a espécie, o medo de frustrar as expectativas de uma vida heterossexual voltada para a procriação. Esse medo mostra o quanto a heterossexualidade não é uma forma de relação natural, uma consequência direta da natureza dos indivíduos, ao mesmo tempo em que expõe uma expectativa que se apresenta, para esse entrevistado, quase como uma injunção, uma obrigação a ser cumprida enquanto ser humano.

O medo que alguns frequentadores sentem ao se deparar com o Beco pela primeira vez, também, pode ser fruto de um medo diante da possibilidade que se coloca de assumir-se, pois, assumir-se aí significa assumir uma posição socialmente ilegítima que, provavelmente, deixará o sujeito à mercê do preconceito e da humilhação. A fala de outro entrevistado contribui para entender esse medo:

“...e eu não tinha com quem conversar e eu acabei me tornando muito fechado, muito fechado mesmo. Foi muito, muito difícil a aceitação, a aceitação não, o entendimento,

pois era fato, eu era gay, eu sou gay, mas entender isso, sabe? Como eu vou viver daqui para a frente sendo homossexual?(grifo nosso)”(informação verbal)

Mas, além desse medo que surge na fala de alguns frequentadores, surge também a expressão “acostumar-se”. Com o tempo, as práticas e os comportamentos, Beco à dentro, se tornam “naturais”; vão-se “naturalizando”. Assim, se por um lado, o Beco provoca um medo inicial, por outro, o Beco proporciona a “naturalização”, o familiarizar-se com desejos e práticas que são estigmatizados Beco afora. Ao ter contato com a externalização desse desejo dentro do Beco, os frequentadores passam a ter uma relação menos tensa, não só com a homossexualidade de um modo geral, mas, inclusive, com suas próprias sexualidades. Muitos frequentadores assumem sua sexualidade a partir do momento em que começam a frequentar o Beco ou, assim que assumem, passam a frequentá-lo.

E: Você se descobriu com quantos anos?

A: Os meus 14 anos, quer dizer eu sempre tive aquele balancê, né? Aquela coisa, porém, nos meus 14 anos foi quando eu conheci um amigo pela internet, que me trouxe aqui no Beco dos Artistas e que aí eu passei a frequentar, que eu vi que não era só eu homossexual, que eu achava que só eu era homossexual, aquela coisa de que eu não me aceitava homossexual. E aí, depois que esse amigo me trouxe, eu vim conhecer outras pessoas, um mundo, assim, nos meus 14 anos.

E: Foi o mesmo período que você passou a frequentar o Beco que você passou a aceitar melhor sua sexualidade?

A: Foi, sim. Depois que eu passei a frequentar o Beco dos Artistas, que eu fiz amizades, que percebi que não era o que eu pensava, que não era aquele bicho de sete cabeças, apesar de que é um preconceito, sim...eu mesmo se eu pudesse escolher, eu não seria um homossexual, porque é muito preconceito, é difícil a vida de um homossexual, principalmente, para mim, né? Eu tenho homofobia dentro de minha casa, meus pais, né?[...] Douglas que me trouxe aqui. Ele me convidou para vir e tal. Conteí toda minha história, que eu não me aceitava, achava que só eu era homossexual, disse que não queria isso para mim. Aí ele: não, não é só você não, vou-lhe levar num lugar que você vai conhecer muitos homossexuais. Foi aí que eu comecei a me entrosar com o povo e fiquei conhecido. Quem não me conhece aqui?

Outro frequentador também comenta essa relação entre o Beco e uma suposta saída do armário:

M: Acho que teve uma época... Será que eu sabia que isso não era problema? Eu acho que o momento que eu saí do armário, não, não é sair do armário, porque nunca você sai do armário, não é? O momento que eu conheci outras pessoas gays, literalmente, pessoas mesmo que se consideram gays, foi em 2008 ou 2007, foi quando eu comecei a andar no Beco.

E: E você acha que frequentar o Beco lhe ajudou nesse processo?

M: Ajudou muito, porque, como eu disse, eu não conhecia muita gente, eu não conhecia ninguém, foi a partir dali que eu comecei a conhecer pessoas que gostam da mesma coisa, porque tem gente que, se você não fosse homossexual, você não teria vínculo jamais com essas pessoas, entendeu? O único vínculo que você tem é o homossexualismo, são estilos diferentes, pessoas diferentes, só que o fato de ser homossexual é que vincula essas pessoas a outras, eu fico falando isso direto. Aí, pronto, e foi a partir dali, do Beco, que eu conheci, que eu frequento até hoje. Eu comecei a conhecer gente e conversar e saber que aquilo ali é normal, pronto, fiquei tranqüilo, foi se firmando, na verdade, minha sexualidade. Só foi firmando mesmo, eu sabia que eu era, mas ficava aquele negócio – “poxa, e agora? Sou viado e vou ficar oprimido?” –, aquele negócio que eu te falei, da galera saber que é, mas oprime, pega uma mulher e casa. Aí, pronto, aí foi a partir do Beco que eu comecei a conhecer gente e ver que isso é uma coisa normal. Tem muita gente que é assim e é feliz.

Essa socialização que um espaço como o Beco proporciona, permite que os frequentadores possam não só externalizar seus desejos, mas, também, possibilita uma convivência entre pares que é fundamental para que esses desejos possam ser mais aceitos. A possibilidade de falar sobre esses desejos, de trocar experiências, de falar sobre os preconceitos que sofrem, de dividir as dores, de ter acesso a acontecimentos e experiências de outros indivíduos, essa rede de solidariedade que se forma é fundamental para que esses indivíduos possam apaziguar suas dores e libertar os conflitos subjetivos para o mundo externo, podendo assim significá-los e compreendê-

los. O Beco cumpre, então, um papel de fundamental importância na aceitação do desejo homossexual por parte dos frequentadores

Weeks (2007) diz que “o crescimento dos espaços urbanos, tornando possível tanto a interação social quanto o anonimato, foi um fator crucial no desenvolvimento de uma subcultura gay” (WEEKS, 2007, p.69) e que esses espaços dão “oportunidade para as pessoas explorarem suas necessidades e desejos, sob formas que eram, algumas vezes, inimagináveis até bem pouco tempo” (WEEKS, 2007, p. 70). Guardadas as devidas diferenças, já que Weeks (2007) estava se referindo a comunidades gays em cidades norte-americanas, podemos dizer que o Beco, em alguma medida, cumpre esse papel de possibilitar às pessoas explorarem seus desejos e criarem novas formas de relação e sociabilidade até pouco tempo atrás inimagináveis.

Weeks (2007) também diz que “uma identidade pessoal estigmatizada” possui quatro estágios característicos na sua construção. “Primeiro, o que ele chama de “sensibilização, que é quando o indivíduo se torna consciente, através de uma série de encontros, da diferença dele ou dela em relação à norma. Por exemplo, pelo fato de ser rotulado por seus pares como ‘maricas’ (o menino) ou ‘joãozinho’ (a menina)” (Weeks, 2007, p. 72). Segundo, o que ele chama de significação, que é quando o indivíduo começa a tentar significar essas diferenças. Terceiro é a “subculturalização, que é o estágio de reconhecimento de si mesmo, através do envolvimento com os outros, por exemplo, através dos primeiros contatos sexuais” (Weeks, 2007, p.72). Quarto é a estabilização que é marcada por uma maior aceitação, geralmente acompanhada de um envolvimento, inclusive político, junto a pessoas que compartilham dessa mesma posição.

Se fôssemos pensar o Beco em relação a esses estágios apontados por Weeks (2007), mesmo tendo consciência de que esses estágios não são universais, mas sim, como o próprio Weeks (2007) afirma, característicos de uma cultura específica, então, o Beco atuaria no terceiro estágio, ou subculturalização, ao permitir o reconhecimento de si através da convivência com outros e, por conseguinte, uma maior aceitação. Não é à toa que muitos dos frequentadores do Beco são jovens, que ainda estão descobrindo sua sexualidade e que, através desse estar entre iguais, dessa convivência com outros, se sentem fortalecidos para aceitar seus desejos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu*, Unicamp, n. 21, 2003, p.219-260.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FREUD, Sigmund. “*Duas Histórias Clínicas (O pequeno Hans e o Homem dos Ratos)*” (1909). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume X. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

HALPERIN, David. La política queer de Michel Foucault. In: HALPERI, David. *San Foucault – para uma hagiografia gay*. Córdoba: Ediciones Literales, 2004, p. 35-145.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O Corpo Educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MISKOLCI, Richard. —A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: *Sociologias*, ano 11, número 21. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, 2009.

_____. Não somos, queremos. Notas sobre o declínio do essencialismo estratégico. (Artigo apresentado na Mesa Novas Perspectivas e Desafios Políticos Atuais do evento Stonewall 40 + o que no Brasil?, realizado em Salvador, 17 de setembro de 2010).

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: SOS, CORPO, 1993.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemologia del armário. In: SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemologia del armário*. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1998, p. 91-121.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: Louro, G.L. (Org). *O Corpo Educado*. Belo horizonte: Autêntica, 2007, p.7-34.

WITTIG, Monique. La categoría de sexo. In: WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Madrid: EGALES, 2006, p. 21-29.